

Crise e insatisfação abalam pasta da Cultura

Fernando Lemos responde às críticas que levaram o diretor do Arquivo Público a pedir demissão e refletem o descontentamento da comunidade artística com sua gestão

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O tempo não anda ameno nas dependências da Secretaria de Cultura e Esporte do DF, plantada nos anexos do Teatro Nacional. O secretário Fernando Lemos enfrenta, neste instante, dois focos de insatisfação: o Arquivo Público do DF e a Associação Brasileira de Cinema e Vídeo (ABCV). No primeiro caso, depara-se com pedido de demissão "irrevogável" de Walter Mello, responsável pela criação e direção do Arquivo, há uma década. No segundo caso, a briga se dá em torno da representação da categoria cinematográfica no Concivi (Conselho Diretor do Pólo de Cinema e Vídeo do DF). Lemos quer de volta duas das quatro vagas da ABCV no órgão colegiado. A entidade se nega a perder parte de representatividade.

Para agravar, Fernando Lemos enfrenta a mais profunda crise de recursos já vista pelo setor cultural desde a fundação de Brasília, 33 anos atrás. E recebe críticas de artistas, produtores culturais e funcionários, que o acusam de omissão, desinteresse pelo cotidiano burocrático de pasta e, até, de desviar para outras áreas da máquina cultural recursos devidos ao Faac (Fundo de Apoio à Arte e Cultura).

Em conversa com **Caderno 2**, Lemos respondeu a todas as perguntas, sem constrangimento.

— **Walter Mello pediu demissão do Arquivo Público ao governador Roriz, através de carta onde afirma ter sido "desrespeitado e ferido em sua dignidade por parte do senhor secretário de Cultura".**

— O governador me encaminhou a carta e eu fiquei surpreso. Tenho o Walter Mello na conta de pessoa imprescindível ao Arquivo Público, que ele fundou e conhece como poucos. Mantivemos audiência hoje (no início da manhã de ontem) e Walter mostrou-se irredutível. Não aceito rever sua posição. De minha parte, aviso que o decreto da exoneração dele não será publicado. Não aceito sua demissão.

— **Isto não seria mero jogo de cena? Afinal, comenta-se que o substituto de Walter Mello já está escolhido. É o jorna-**

lista Jarbas Marques, ex-editor do Jornal de Luzânia e assessor do governador Roriz.

— Nada disto. Nem o governador nem eu escolhemos nome para substituir o Walter Mello. Ele é a pessoa ideal para a superintendência do Arquivo Público. Nós somos passageiros em nossos cargos. Ele não. Tem muito a fazer ainda.

— **Você está escondendo o jogo. Por que Walter Mello pediu demissão em carta tão veemente, se nada demais está acontecendo?**

— Não nego que tivemos pequenos problemas. Um dia, ele me solicitou audiência e não pude recebê-lo. Não gostou e parou de me procurar. Por característica pessoal, Walter Mello é uma pessoa metódica.

Eu não sou. Ele queria uma rotina de audiência. Eu detesto burocracia. Minha equipe sabe que, surgindo problema, basta chegar e entrar no meu gabinete. Não precisa marcar hora. O Sílvio Cavalcanti, do Departamento do Patrimônio Histórico, e o Sérgio Graça, do Defer, agem assim.

— **Fora a questão das audiências, o que mais aconteceu? Fala-se no esvaziamento do Arquivo Público, já que você solicitou funcionários-chave da instituição para seu gabinete.**

— Isto é uma verdade parcial. Todos os funcionários que requisitei para meu gabinete foram substituídos no Arquivo Público. Nunca passou por minha cabeça esvaziar órgão de Tamaña importância. O que houve foi o desmantelamento da equipe que o Walter Mello montou no Arquivo. Conflitos internos fizeram com que a instituição perdesse funcionários de grande qualidade, como a pesquisadora e professora Vera Lessa.

— **O Arquivo Público reclama de falta de funcionários para executar seu plano de ação.**

— Todos os órgãos da Secretaria de Cultura estão com carência de funcionários. Nossa situação é trágica. Funcionários morrem ou se aposentam e não são substituídos. Enquanto isto, novos espaços são anexados à Secretaria. Temos a Casa do Teatro Amador, a Sala Funarte, o Panteão, o MAB, o Espaço Lúcio Costa, a Casa do Cantador, o



Lemos está satisfeito com seu trabalho, desenvolvido com poucos recursos

Museu Histórico e, agora, a 508 sul. Precisamos, com urgência, de pelo menos 100 funcionários.

— **E por que você não se esforça para colocar estes funcionários na sua pasta, via concurso público?**

— Eu me esforço. Já encaminei vários pedidos à Secretaria de Administração, que me atende na medida do possível. A Assembléia Distrital acaba de aprovar quadro de funcionários para a Rádio Cultura. Estou recebendo, em partes, 20 funcionários para vagas urgentes de porteiro, bilheteiro, segurança etc, em nossos próprios. Priorizei o Espaço Cultural da 508 Sul, aberto dez dias atrás, porque não podia inaugurá-lo e, no dia seguinte, cerrar suas portas. A situação é tão grave, que técnicos qualificados do Teatro Nacional estão para se aposentar e não têm substitutos. Precisamos articular mecanismos que garantam a formação de novos profissionais, se-

não a situação vai-se agravar.

— **Vamos ao segundo ponto de atrito: por que você quer tirar duas vagas da ABCV no Concivi?**

— Não quero tirar vaga de ninguém. Quero, isto sim, ampliar a representação da sociedade civil no Conselho. Muitas indústrias querem se instalar na sede do Pólo, em Sobradinho. Por que não colocar um representante do setor industrial no Conselho?

— **A ABCV argumenta que a lei que criou o Pólo não trabalha com o termo "sociedade civil", mas sim com "entidades representativas da área de cinema e vídeo".**

— Vamos discutir este assunto semana que vem, em reunião do velho Conselho, que está com mandato vencido, mas ainda não foi substituído. Não quero brigar. Vou ouvir os argumentos da ABCV.

— **Por que o Governo não**

abre mão de uma de suas seis vagas e, assim, atende à indústria?

— Pode ser. Não estamos preocupados com votos. As decisões no Concivi sempre foram tomadas por consenso. Nunca houve votação que antagonizasse os seis representantes do Governo com os seis da comunidade.

— **Produtores culturais do DF denunciam que os recursos do Faac estão sendo desviados para outras áreas de sua pasta. Falam em CR\$ 6 milhões.**

— Isto é uma maluquice. Quem fala isto não entende nada de orçamento, nem do Faac. O dinheiro reservado para o Fundo vem do Governo e de 15% das bilheterias de nossos teatros. É impossível desviar este dinheiro, pois ele já vem carimbado, rubricado. À medida que vai sendo liberado, é encaminhado ao Faac. Se há projetos aprovados, pagamos. Se não, o dinheiro fica aplicado no banco.

— **A revista Veja publicou excelente matéria sobre os tesouros da pintura brasileira que estão escondidos em bancos, no Congresso, palácios e residências brasilienses. O senador Lucena até sugeriu que estas obras fossem cedidas a museu, para visitação pública. O que sua pasta pode fazer para viabilizar esta idéia?**

— Temos dois espaços destinados às artes plásticas: o MAB, que funciona na beira do lago, e o MAM, em frente ao Memorial JK.

— **Nenhum deles oferece segurança. Nem foram concebidos como museus. Um, era o Casarão do Samba. O outro, o Museu do Índio.**

— Tudo isto é contornável. Estávamos negociando, com o então ministro Antônio Houaiss, a transformação do MAM-DF numa sucursal do MAM-Rio. Aqui, teríamos parte da coleção de Gilberto Chateaubriand. Os custos, porém, se mostraram muito altos. O MAM exige uma infinidade de itens. Vamos buscar novas alternativas e conversar com Jerônimo Moscardo. Quanto à proposta do senador Lucena, deve ser estudada. Mas não alimentamos grandes esperanças. Dificilmente o Banco Central cederá seu acervo, até porque o reco-

lheu como pagamento de dívidas de instituições financeiras falidas.

— **As críticas à sua gestão se avolumam cada vez mais. Fala-se em paralisia da máquina cultural do DF. Como você avalia seu trabalho?**

— Estou satisfeito com o que venho fazendo. Com o menor orçamento já visto pela pasta, estamos nos virando. O Faac está em pleno funcionamento; a 508 Sul voltou a funcionar, mesmo que precariamente; vamos reabrir a Casa do Teatro Amador com o projeto de oficinas do Guilherme Reis; o Pólo de cinema e Vídeo cumpre seus objetivos...

— **Isto não é verdade. O pólo ainda deve financiamentos, via BRB, a projetos aprovados há um ano e meio.**

— Estamos resolvendo estas questões. A Assembléia Distrital está para aprovar autorização de novos recursos para saldarmos as dívidas do I Edital de Financiamento de Filmes e Vídeos. Tudo será pago ainda este ano. As coisas não estão fáceis num país que vive uma das maiores crises financeiras de sua história. Veja o Banespa. Ele anunciou meses atrás, financiamentos por sua Carteira de Cinema e ainda não liberou nenhum recurso. Iamos a São Paulo repassar a eles a nossa experiência. Cancelaram a reunião na última hora. Terão, por isto, que reinventar a roda, quebrar cabeça como nós quebramos. Errar e buscar soluções. O sistema financeiro tem regras muito rígidas.

— **As satélites, em especial Taguatinga, reclamam maior atenção.**

— Lamentamos não termos podido, ainda, criar o Centro Cultural de Taguatinga no Teatro da Praça. Este projeto é maravilhoso, já foi aprovado pela Fundação Educacional. Faltam apenas recursos.

— **Críticos de sua administração afirmam que você não tem paciência com o cotidiano burocrático de um órgão público.**

— Não tenho mesmo. Não nasci vocacionado para a burocracia. Mas acabo desempenhando, a contragosto, este tipo de tarefa, embora, o que é uma qualidade, saiba administrar delegando poderes.